
LEIA NESTA EDIÇÃO

1 - Momento de Reflexão; 2 - A trajetória ambientalista de Paulo Nogueira Neto, em livro; 3 - Paulo Nogueira Neto: otimismo ambiental moderado; 4 - Paulo Nogueira Neto será patrono de evento ambiental; 5 - Orientações para a produção de mel na região amazônica; 6 - Por que estudar as abelhas?; 7 - Cenário XXI - Operárias da natureza; 8 - Riozinho e a Meliponicultura: a busca por tecnologias e alternativas de produção; 9 - Curso na Ceplac capacita na criação de abelha sem ferrão.

1 - Momento de Reflexão

"O êxito não é permanente, e fracassar não é mortal". - [Mike Ditka]

2 - A trajetória ambientalista de Paulo Nogueira Neto, em livro

Mônica Nunes/Débora Spitzcovsky - Planeta Sustentável – 22/11/2010 - A obra “Uma Trajetória Ambientalista: diário de Paulo Nogueira Neto” relata os principais acontecimentos do setor ambiental, nas últimas quatro décadas, sob a perspectiva do primeiro ambientalista do Brasil. O pré-lançamento será 23 de novembro, na Conferência do Ano Internacional da Biodiversidade

Paulo Nogueira Neto é considerado o primeiro ambientalista do Brasil, estreou o cargo de Secretário Nacional do Meio Ambiente e, atualmente, é membro do Conama - Conselho Nacional do Meio Ambiente e presidente da mais antiga associação de defesa ambiental do país, a Ademas-Br, entre muitas outras funções que desempenha em prol da defesa do meio ambiente.

Todo o conhecimento que, incontestavelmente, possui na área ambiental será dividido com o mundo no livro “Uma Trajetória Ambientalista: diário de Paulo Nogueira Neto”, que relata os principais acontecimentos do setor ambientalista no Brasil e no mundo, nas últimas quatro décadas, com base nos registros feitos, em diário, pelo especialista, durante as viagens, reuniões e encontros de que participou.

A obra, publicada pela Editare Editora, reúne impressões pessoais e depoimentos de Paulo Nogueira Neto a respeito dos fatos históricos, leis, tratados, conferências internacionais e eventos dos bastidores do governo que envolvem a questão ambiental, além de imagens atuais e de arquivo, que ilustram os relatos.

Além disso, a publicação mostra um pouco da trajetória científica e política de Paulo Nogueira Neto, que contribuiu significativamente para o estudo do comportamento das abelhas indígenas sem ferrão e, também, foi o mentor da lei da Política Nacional de Meio Ambiente.

O pré-lançamento da obra acontecerá no dia 23 de novembro, às 19h30, em São Paulo, durante a Conferência do Ano Internacional da Biodiversidade, que está sendo promovida pelo Instituto Humanitare (para saber mais, leia SP sedia conferência sobre o Ano da Biodiversidade). Na ocasião, Paulo Nogueira Neto, que foi eleito patrono do evento, será homenageado com a comenda “Biodiversidade 2010”.

Livro “Uma Trajetória Ambientalista: diário de Paulo Nogueira Neto” - Editare Editora - 880

páginas - Preço: R\$ 100

Fonte: Revista Planeta Sustentável - Capa - 22/11/2010

3 - Paulo Nogueira Neto: otimismo ambiental moderado

Thays Prado - Edição: Mônica Nunes - Planeta Sustentável – 04/06/2010 - Na semana em que se comemora o Dia Mundial do Meio Ambiente, Paulo Nogueira Neto, o primeiro ambientalista brasileiro e ainda ativo na causa, se mostra otimista em relação à trajetória que temos seguido rumo a um mundo mais sustentável

No início da década de 50, em uma época em que as pessoas preocupadas com o meio ambiente “cabiam todas dentro um ônibus”, como o ambientalista Paulo Nogueira Neto costuma brincar, ele se aventurava a defender a causa ambiental. E nunca mais parou.

De 1974 a 1986, ele esteve à frente da Secretaria Especial do Meio Ambiente e conseguiu criar 3 milhões de hectares em 26 estações e reservas ecológicas e 1,5 milhão de hectares de áreas de proteção ambiental.

Seu vasto currículo conta ainda com a participação, como um dos dois representantes da América Latina, na Comissão Brundtland, da ONU, que estudava a relação entre meio ambiente e desenvolvimento, na década de 80, e de onde surgiu a expressão "desenvolvimento sustentável". E ele explica muito bem isso na entrevista). Paulo também foi presidente do Programa “O Homem e a Biosfera”, da UNESCO, e vice-presidente da Fundação SOS Mata Atlântica e da WWF-Brasil.

Aos 88 anos, ele é professor emérito do Instituto de Biologia, da Universidade de São Paulo, membro da Câmara Técnica de Unidades de Conservação do CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente e presidente da Fundação Florestal do Estado de São Paulo.

Em homenagem ao Dia Mundial do Meio Ambiente, o Planeta Sustentável conversou com Paulo Nogueira Neto, que ficou conhecido como “o primeiro ambientalista brasileiro”.

Nesta entrevista, ele transmite uma mensagem de esperança – a opinião de quem viu, nos últimos 60 anos, a questão ambiental avançar e ganhar importância para as pessoas, a mídia e, conseqüentemente, os governos. O caminho ainda é longo, mas é bom saber que já andamos bastante.

O senhor iniciou sua trajetória em defesa do meio ambiente no início da década de 50, quando pouca gente se preocupava com o assunto, e acompanha de perto, até hoje, o movimento ambientalista. Qual é a sua avaliação sobre esses 60 anos? Evoluímos em termos de consciência ecológica?

Sou testemunha de uma evolução constante, tanto por termos uma maior compreensão sobre o tema, quanto pelos resultados concretos obtidos. As questões ambientais ganharam importância para a maioria da população e a imprensa é um grande exemplo disso, pois tem dedicado, diariamente, um espaço cada vez maior ao assunto.

Eu sou do tempo em que o meio ambiente interessava a um pequeno grupo de pessoas. Se juntássemos todas as pessoas engajadas de São Paulo elas caberiam dentro de um ônibus. Assim como no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, Porto Alegre, no Nordeste. Eram movimentos

localizados e a gente até se comunicava, mas a grande maioria da população não estava presente.

No que ainda precisamos evoluir para cuidar melhor do meio ambiente?

Precisamos ter uma legislação mais firme, em favor do meio ambiente. Hoje há um movimento de certos setores da sociedade que são francamente contrários à proteção do meio ambiente, o que é um erro tremendo. Principalmente em tempos de aquecimento global, o mundo não pode cruzar os braços. São necessárias medidas públicas e privadas para conter as mudanças climáticas, mas ainda há muita discussão pela frente.

O senhor fez parte da Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Comissão Brundtland e defendeu que o desenvolvimento sustentável é fundamental para o combate à miséria. Fale mais sobre essa relação.

A Comissão Brundtland foi criada justamente para estudar a interface entre a economia e a defesa do meio ambiente. Quando a comissão se formou, procurávamos saber o que mais impactava o meio ambiente e quais seriam os problemas mais significativos para o futuro do mundo, causados por negligências na defesa ambiental.

Chegamos à conclusão de que, talvez, o maior problema ambiental naquele momento fosse o aumento muito rápido da população humana, que vinha crescendo a 2,5% ao ano. Isso significava que o número de pessoas poderia dobrar em 36 anos – o que, felizmente, não aconteceu. Esse era o assunto prioritário da comissão.

Consultamos estudiosos da Demografia, que nos disseram que a população explodia onde havia miséria. E vimos que, para erradicar a miséria e elevar o nível de vida da população, era necessário desenvolvimento econômico. Mesmo assim, não pode ser qualquer medida, pois há progressos econômicos que destroem as fontes de recursos naturais.

E foi aí que alguém – e ninguém lembra quem – disse que precisávamos de um desenvolvimento sustentado. Só que o termo sustentado dava a ideia de que um agente externo faria essa sustentação, então passamos a usar a expressão desenvolvimento sustentável, que pensa nas populações atuais sem prejudicar as gerações futuras. E o termo pegou.

É verdade que a expressão é cada vez mais falada, mas, na prática, nem sempre vemos essa opção pelo desenvolvimento sustentável?

O mundo progrediu imensamente nos últimos anos. Na Medicina, por exemplo. Se não houvesse remédio para pressão alta, que eu tomo há trinta anos, já estaria morto. É claro que o mundo ainda não fez todos os progressos necessários.

No momento, temos que combater o aquecimento global e as medidas ainda não são eficientes, mas as coisas estão caminhando. Tudo depende de um esforço e há sempre pessoas com opiniões contrárias, o que é normal em uma democracia.

Dada a sua experiência em acompanhar negociações climáticas desde a Convenção de Estocolmo, de 1972, qual foi a sua impressão sobre a COP 15, em Copenhague?

A conferência foi um primeiro passo importante. Muita gente diz que foi um fracasso, como se todos os problemas climáticos pudessem ter sido resolvidos naquela reunião, mas eu não penso

assim. Conseguimos fazer com que os países desenvolvidos e os emergentes chegassem ao consenso de que o assunto do clima é muito importante e que algo precisa ser feito rapidamente.

Os países pobres acham que as medidas não são suficientes, já que alguns deles podem desaparecer se o mar subir um metro que seja. Isso é normal, mas leva tempo para se costurar um acordo. A esperança é que o primeiro passo já foi dado. Sou otimista nesse sentido.

O otimismo é o melhor caminho para avançarmos em relação à proteção ambiental?

Não acho que devamos ser excessivamente otimistas, pois a vida tem suas dificuldades, os pessimistas escolheram ser derrotados por antecipação. A marcha dos acontecimentos no mundo até aqui, apesar das crises, nos mostra que podemos ser moderadamente otimistas em relação aos acontecimentos do futuro.

Como grande defensor da compensação ambiental e da criação de reservas ecológicas, como o senhor vê a situação das florestas no país?

A situação das florestas nos estados do centro-sul do país é boa. Eu viajo muito pelo interior do Sudeste e faz muito tempo que não vejo uma derrubada, coisa que antes se via por toda parte.

O relatório divulgado pela SOS Mata Atlântica no dia 26 de maio ainda denuncia a destruição desse bioma, especialmente em Minas Gerais.

Precisamos de uma legislação ambiental que impeça isso, mas também precisamos encontrar meios de garantir qualidade de vida para as populações locais. O que tenho observado, atualmente, é que em áreas aonde o trator não chega – áreas alagadiças ou acidentadas e regiões de morros, por exemplo – as florestas estão voltando espontaneamente. Estou começando a escrever um livro a esse respeito e que conterà fotografias do Araquém Alcântara [profissional reconhecido mundialmente, Araquém também é conselheiro do Planeta Sustentável].

Acompanho alguns locais há 40 anos e vejo que há uma série deles com pequenas novas florestas, porque ali a agricultura não é economicamente viável. Antes, plantava-se café morro acima na enxada, hoje não se faz mais isso. Essas áreas precisam apenas ser enriquecidas com espécies nativas melhores. Hoje, o grande problema de manutenção das florestas se concentra na Amazônia.

E o que poderia ser feito para conter o avanço do desmatamento nessa região?

A solução que vejo é ajudar a população local a melhorar o seu nível de vida para que possa viver da floresta e protegê-la. Temos que subsidiar os produtos florestais como, por exemplo, as sementes oleaginosas, que são de grande interesse comercial.

Para uma série de produtos vegetais, é preciso que se pague mais do que eles, aparentemente, valem para manter as pessoas interessadas em cultivá-los, preservando a floresta. A população local não pode achar que precisa derrubar a floresta para fazer pastagens, pois a única atividade que dá lucro é a criação de gado.

Sou membro do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, que cuida de uma região de 4 milhões de hectares, compreendendo a parte central do Rio Amazonas. Ali, havia muitos problemas ambientais. Resolvemos investir entre 8 e 9 milhões de reais por ano para regularizar a pesca, proteger as lagoas onde os peixes se criam e dobrar a renda da população local.

Com isso, conseguimos proteger a natureza. O projeto deu tão certo que uma comunidade vizinha, de cerca de 3 milhões de hectares quis se juntar a nós. Agora, são 7 milhões de hectares preservados. Se considerarmos que Portugal inteiro tem 10 milhões de hectares, essa é uma área considerável.

Na Europa, os governos subsidiam seus produtos agrícolas. O Brasil deveria fazer o mesmo para alguns produtos florestais, como o óleo de copaíba, por exemplo. O fator econômico é o que determina a atitude da população.

Depois de ter tido a experiência de defender o meio ambiente no ambiente político como primeiro secretário federal do meio ambiente, qual a sua visão sobre o papel do governo na questão ambiental?

Os governos democráticos têm suas atividades baseadas na opinião pública, que antes ignorava a importância do meio ambiente e hoje está preocupada com o assunto. Essa é a base de tudo, é daí que podem surgir recursos.

Nesta semana mesmo, fiz palestra para 100 novos funcionários do Instituto Chico Mendes, que vão cuidar de unidades de conservação e esse número ainda vai aumentar. Quando eu assumi a Secretaria Especial do Meio Ambiente, em 1974, me deram seis pessoas e três salas em Brasília para cuidar do Brasil inteiro, mas achei que o desafio valia a pena.

Como primeiro ambientalista brasileiro, o senhor tem orgulho de sua trajetória?

A palavra orgulho não faz parte do meu vocabulário, porque ela pressupõe que uns são melhores do que outros. Eu sinto satisfação por ter feito um bom trabalho e continuar fazendo, e ter ajudado a abrir um caminho novo. Quando a gente vê que acertou o caminho, é muito recompensador.

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Fonte: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/paulo-nogueira-neto-otimismo-ambiental-moderado-dia-mundial-meio-ambiente-566609.shtml> – 04/06/2010

4 - Paulo Nogueira Neto será patrono de evento ambiental

Mônica Nunes/Débora Spitzcovsky - 10/11/2010 - Planeta Sustentável - Considerado o primeiro ambientalista brasileiro, Paulo Nogueira Neto – que hoje é professor emérito da USP – será o patrono e convidado de honra da Conferência do Ano Internacional da Biodiversidade, que está sendo promovida pelo Instituto Humanitare e acontecerá em São Paulo, no dia 23 de novembro.

O evento, que reunirá especialistas em biodiversidade, pretende fazer um balanço dos resultados obtidos durante 2010, em prol da conservação da fauna e flora. A Conferência contará com palestras e, ainda, mesas-redondas – uma delas, inclusive, será moderada pelo redator-chefe da revista National Geographic Brasil e coordenador do Planeta Sustentável, Matthew Shirts. (Para saber mais sobre a Conferência, leia Evento faz balanço do Ano Internacional da Biodiversidade)

Paulo Nogueira Neto participará da abertura do evento, com a palestra “Alerta à Vida: a Sobrevivência Humana Depende da Biodiversidade”, e também estará presente no encerramento da Conferência, proferindo um discurso sobre “A perspectiva global da biodiversidade e a responsabilidade do Brasil a caminho da Rio +20”.

O pré-lançamento do livro “Uma Trajetória Ambientalista – Diário de Paulo Nogueira Neto”, que conta um pouco da história do ambientalista, também está previsto entre as atividades da Conferência. A programação completa do evento está disponível no site do Instituto Humanitare. Os interessados poderão acompanhar a Conferência, gratuitamente e em tempo real, pelo website.

Conferência do Ano Internacional da Biodiversidade - Data: 23 de novembro - Horário: 8h às 20h
Local: Hebraica de São Paulo - Endereço: R. Hungria, nº 1000, Jardim Paulistano – São Paulo/SP

Fonte: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticias/paulo-nogueira-neto-conferencia-ano-internacional-biodiversidade-608270.shtml> - 11/11/2010

5 - Orientações para a produção de mel na região amazônica

Peculiaridades da região amazônica devem ser levadas em consideração nas variadas práticas agrícolas. A produção de mel, seja de abelhas africanizadas ou sem ferrão, também deve observar essas questões a adotar técnicas e cuidados necessários para obter uma alta e constante produção.

No Prosa Rural desta semana, a pesquisadora Patrícia Drumond, da Embrapa Acre (Rio Branco/AC), aborda os ganhos na produtividade da atividade apícola, que estão diretamente relacionados ao uso correto das técnicas de manejo. São enfatizadas as técnicas de instalação de apiários, seleção de rainhas, produção em períodos de escassez, beneficiamento e comercialização do mel e combate a pragas e doenças. Os procedimentos são simples, de baixo custo, mas fazem diferença na qualidade e na quantidade de mel produzido.

Além de falar sobre o manejo, a pesquisadora ainda traz dicas de instalação e manutenção das colmeias, que tem como objetivo principal a produção constante do mel. "Além de outros requisitos, o produtor deve escolher o local de instalação das colmeias levando em consideração a distância de sua residência e a disponibilidade de flores para as abelhas", ressalta.

Ainda no programa, o produtor Francisco Rosario, proprietário da Apiacre, empresa que distribui mel em pequenos mercados de Rio Branco, apresenta sua experiência de 25 anos com a apicultura, e observa as vantagens de se trabalhar com produção de mel na Amazônia. "Trabalhar com abelhas é mais uma alternativa de renda dentro da propriedade", explica. Na parte cultural, o programa traz a animação do grupo musical acreano Los Porongas, com a música Ao Cruzeiro.

O Prosa Rural é o programa de rádio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. O programa conta com o apoio do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Fonte: Embrapa Acre - Mercado Rural - Notícias - 23/11/2010 -

6 - Por que estudar as abelhas?

Autor: Vera Lucia Imperatriz Fonseca. As associações mais freqüentes com a palavra “abelha” são flores, mel, trabalho, abelhas africanizadas, agressividade, cera (velas), inseto social, apicultura, própolis, pólen.

As associações mais freqüentes com a palavra “abelha” são flores, mel, trabalho, abelhas africanizadas, agressividade, cera (velas), inseto social, apicultura, própolis, pólen. Algumas das espécies de abelhas apareceram na Terra há mais de 100 milhões de anos, e desde então houve uma interação muito íntima entre as flores e as abelhas.

As flores atraem as abelhas usando perfumes e suas pétalas vistosas, nas quais às vezes são encontradas certas marcas coloridas que indicam onde estão os nectários florais, glândulas que produzem uma substância açucarada, o néctar, recompensa açucarada apreciada pelos visitantes.

As flores em geral também produzem grande quantidade de pólen, que são seus gametas masculinos, fonte de proteínas para os insetos. Deste modo, as abelhas procuram as flores para ali se alimentarem; através deste vôo de flor em flor, levam junto ao corpo os grãos de pólen e fertilizam as flores.

Esta associação foi muita bem sucedida, e encontramos casos realmente especializados e extraordinários de polinização por abelhas. Embora o vento possa ser um agente polinizador, as flores polinizadas pelos insetos produzem frutos de melhor qualidade, com mais suco e melhores sementes. Mais de 3/4 da alimentação do homem é baseada em plantas polinizadas pelas abelhas.

As abelhas mais populares no mundo todo são aquelas também encontradas nos produtos doces das padarias, cujo nome científico é *Apis mellifera*. Entretanto, há muitos tipos diferentes de abelhas. Estima-se em mais de 30.000 as espécies de abelhas do mundo. No Brasil, devemos ter cerca de 5000 espécies diferentes. Uma das características gerais das abelhas é a dependência integral de produtos florais.

Podemos tratar da diversidade de espécies de abelhas de várias maneiras diferentes. Uma delas é separar as espécies que são de hábito solitário, isto é, os adultos copulam, as fêmeas constroem um ninho, colocam ali o alimento necessário para o desenvolvimento de sua cria (um ovo colocado sobre uma mistura de pólen e néctar; a larva vai se alimentar desta mistura, e depois completar o seu desenvolvimento transformando-se em pupa e finalmente em um inseto adulto) e nunca vão conviver com seus filhos.

A maioria das espécies de abelhas pertence a esta categoria. O outro extremo é ocupado pelas espécies altamente sociais, isto é, que vivem em sociedades muito bem organizadas onde existe uma rainha, responsável pela reprodução, operárias que se ocupam das outras tarefas do ninho, cuidado especializado da prole e uma sobreposição de gerações que pode permitir a uma mesma colônia viver por mais de 50 anos. As espécies sociais são menos numerosas, em torno de 1000 conhecidas até o momento.

Nas regiões tropicais estamos ainda na fase de inventariar as espécies de abelhas encontradas nos vários ecossistemas. Assim sendo, no Brasil já foram feitos cerca de 40 levantamentos faunísticos com metodologia semelhante, que nos permitem ter uma idéia preliminar de nossa fauna.

As comunidades de abelhas são geralmente ricas em um determinado local: nos jardins do Instituto de Biociências da USP, no coração de S. Paulo, uma das maiores cidades da atualidade, por exemplo, há cerca de 132 espécies de abelhas.

Na Estação Biológica de Boracéia, na Mata Atlântica de S. Paulo, este número sobe para 260. A alta biodiversidade é uma de nossas riquezas maiores. Aqui cabe, entretanto, um comentário: faltam especialistas para identificar as espécies, e parte delas nunca foi sequer descrita.

É comum encontramos nos trabalhos especializadas referências como espécie 1, espécie 2, 3, 4, etc., aguardando estudos mais detalhados. A análise das comunidades de abelhas, nas áreas tropicais, enfrenta a dificuldade do impedimento taxonômico, isto é, precisamos formar e empregar especialistas neste ramo.

A importância de se conhecer a comunidade de abelhas de um local e suas relações com as flores é grande: são os potenciais polinizadores de nossas áreas naturais e da agricultura regional. As abelhas podem ser especialistas em determinadas flores ou famílias botânicas, coletando com a máxima eficiência nelas e operando como polinizadores especializados, ou generalistas, isto é, visitam muitas espécies botânicas e as polinizam com menor eficiência do que as especialistas, mas não dependem exclusivamente delas para sua sobrevivência.

As espécies sociais, que vivem durante o ano todo, são generalistas. Entretanto, as plantas visitadas por cada espécie da comunidade local vão variar com a abundância relativa de ninhos e de floradas, embora existam preferências de determinadas espécies de abelhas por espécies ou famílias de plantas. Na natureza existe um balanço de predominância de especialistas e generalistas em certas floradas. Uma vez conhecidos estes mecanismos, estas abelhas são intensamente estudadas, criadas pelo homem para aumentar a produção de culturas agrícolas e de alimentos.

Assim, por exemplo, a *Megachile rotundata*, espécie solitária, é importante polinizadora da alfafa do Hemisfério Norte. Já as abelhas *Apis mellifera* são os polinizadores generalistas mais utilizados no mundo todo, talvez por ser criada em todos os continentes.

Apesar da *Apis mellifera* ser o inseto social mais estudado do mundo, pouco sabemos sobre ela, de modo que é a abelha que serve de foco para estudos cada vez mais especializados. Na verdade, a *Apis mellifera*, por ser melhor conhecida, serve como parâmetro de comparação com as outras espécies sociais, cujo conhecimento biológico para a Ciência é ainda rudimentar.

Para a sobrevivência das espécies sociais, é muito importante conhecermos seus hábitos de vida. Assim, estudar onde fazem os ninhos, quais as premissas para construí-los, as faixas de distribuição geográfica (geralmente moldadas pela temperatura, umidade relativa e tipo de vegetação) e suas preferências florais, isto é, onde coleta o seu alimento, constitui-se no primeiro passo para programas de restauração ambiental ou de criação destas abelhas. Atualmente, estações meteorológicas digitalizadas, imagens de satélites e equipamentos de controle de dados ambientais (dataloggers) nos fornecem dados sobre as necessidades abióticas das espécies.

Estes estudos nos levam também aos laboratórios de fisiologia do metabolismo e estudos bioquímicos de enzimas que atuam no vôo das abelhas. Já a análise das plantas visitada pode ser feita de modo indireto através de análise polínica do mel e do pólen coletado pelas abelhas e armazenado nos ninhos; são as bases para avaliação de importância ecológica relativa das espécies sociais nos ecossistemas, além de fundamentais para programas de restauração ambiental.

<http://www.ib.usp.br/beelife/intro.htm> - Dr^a Vera Lucia Imperatriz Fonseca - Professora Titular (vlifonse@usp.br)

Fonte: <http://sis.sebrae-sc.com.br/sis/pages/MostraArtigo.do?metodo=visualizaArtigo&assinante=1&idSetor=1&idArtigo=651> - 22/11/2010

7 - Cenário XXI - Operárias da natureza

Ciência e meio ambiente USP terá centro para estudo da fauna e da flora; abelhas serão grandes protagonistas do projeto

Renato Vital - Gazeta de Ribeirão - renato.pinho@gazetaderibeirao.com.br - Em 2011 o campus ribeirão-pretano da Universidade de São Paulo (USP) deve inaugurar oficialmente o Centro de Serviços Ambientais (Cesam). O local funcionará como um centro de pesquisas de fauna e flora,

principalmente das abelhas, responsáveis pela polinização de cerca de 80% das plantas em florestas tropicais. De acordo com dados do Cesam, 30% das plantas que servem de alimento para a população dependem da ação das abelhas para se reproduzir.

Segundo a bióloga especialista em ecologia das abelhas, Cláudia Inês da Silva, os produtores agrícolas poderiam aumentar a colheita se utilizassem as diferentes espécies de abelhas a seu favor. “No caso do café, por exemplo, é constatado um aumento de 30%. Porém, não há uma lei que permita o uso de abelhas indígenas nos campos”, disse.

Existem dois grandes grupos de abelhas, as sociais e as solitárias. A espécie mais conhecida das abelhas sociais é a africana, utilizada para produção de mel. “As sociais montam colônia, enquanto as solitárias montam seu ninho sozinhas, colocam o alimento, fecham e vão embora. Elas não têm contato com as crias”, explicou a bióloga Yara Roldão. As abelhas solitárias correspondem a 85% de todas as espécies de abelhas.

Apesar de terem papel fundamental na reprodução de algumas plantas, as abelhas não têm consciência dessa sua função. “Na verdade elas vão buscar alimento nas plantas e acabam polinizando outras flores”, contou a bióloga Maria Juliana Ferreira Caliman. Segundo ela, uma abelha comum vive somente 45 dias, enquanto a rainha pode chegar a dois anos. “A colônia pode durar anos e anos com a troca de rainhas. Uma boa polinização, como a que elas fazem, pode também melhorar a qualidade do produto final”, disse.

CENTRO DE ESTUDO. O Cesam não funcionará somente como centro de pesquisas, ele vai receber escolas e produtores. “A ideia é passar todo o conhecimento para o público mais variado possível. Temos salas para aula teórica, oficinas e o nosso jardim serve para ver como as coisas funcionam na prática”, disse Cláudia.

Centro usa tecnologia sustentável - O Centro de Serviços Ambientais (Cesam) da USP de Ribeirão Preto também quer despertar a consciência ambiental em seus visitantes. Além de mostrar a importância de cada animal e planta no funcionamento do ecossistema, o Centro também utiliza tecnologias ecologicamente corretas desenvolvidas por alunos do Senai. “O nosso irrigador possui sensores que detectam a umidade do solo. Eles ligam automaticamente, porém somente quando a terra está realmente seca”, explicou a bióloga do Cesam Cláudia Inês da Silva.

Segundo ela, a ideia é intensificar a parceria com os técnicos do Senai para a criação de novas tecnologias sustentáveis. “Eles também criaram os aquecedores que usamos nas colônias. As abelhas precisam de um ambiente quente e úmido e como o clima de Ribeirão é imprevisível, não podíamos correr o risco de perde-las”, explicou Cláudia. (RV)

Agendamento de visitas em grupo - Centro de Serviços Ambientais - Telefone: (16) 3602-3826 - Pela internet: cesamusp.blogspot.com - cesam.usp@gmail.com

Fonte: Gazeta de Ribeirão - Ribeirão Preto/SP - Cidade - 26/11/2010 -

8 - Riozinho e a Meliponicultura: a busca por tecnologias e alternativas de produção

Prefeitura Municipal de Riozinho - O município de Riozinho, no Vale do Paranhana, recebeu a visita de um grupo de quarenta pesquisadores procedentes de oito Estados brasileiros e cinco países diferentes. A diversidade de nacionalidades reunia Canadá, Moçambique, Holanda, Israel e Brasil com o intuito de observar uma atividade em acensão e já bastante organizada no município

visitado: a meliponicultura ou a criação das abelhas nativas sem ferrão da Mata Atlântica.

A iniciativa promovida por uma associação de instituições como PUC/RS e recebeu apoio da Prefeitura Municipal de Riozinho, Associação de Apicultores Papa Mel de Rolante bem como acolhimento de produtores locais. Estiveram presentes proeminentes cientistas entre eles Prof. Dr^a Betina Blochtein (PUC/RS) e Prof. Dr^a Sidia Witter (FEPAGRO) de nosso estado, além de pesquisadores internacionais envolvidos no foco dos agentes polinizadores.

O encontro faz parte de uma serie de eventos mundiais que estudam a enorme importância das abelhas na produção agrícola e preservação das florestas, pois sem as mesmas boa parte da polinização não ocorreria e, portanto, o desenvolvimento de frutos e sementes. A criação de abelhas nativas oferece também mel especial, pólen, cera e própolis.

O município de Riozinho é reconhecido como um dos mais importantes redutos de criação de abelhas nativas e preservação da Mata Atlântica. Seu potencial tem atraído projetos privados e públicos e pode servir de modelo de desenvolvimento rural sustentável em áreas de floresta nativa e de manejo restrito.

Rafael Gehrke - Presidente da Associação Papa Mel de Rolante/RS - Sérgio Koch - Secretário da Agricultura e meio ambiente de Riozinho/RS

Fonte: Central Sul de Jornais - Notícias - 26/11/2010 -

9 - Curso na Ceplac capacita na criação de abelha sem ferrão

O Centro de Pesquisas do Cacau da Ceplac, através do Setor de Apicultura, vai realizar de 6 a 8 deste mês o II Curso de Capacitação em Abelhas Sem Ferrão destinado a apicultores e pessoas interessadas na criação.

O curso será ministrado pela bióloga Paulina Ramalho Sicupira e equipe, com aulas teóricas e práticas, enfocando aspectos biológicos e morfológicos da abelha, e, principalmente como capturar, práticas de manejo incluindo preparo das colméias para produção de mel e multiplicação de enxames das abelhas uruçú amarelo, uruçú verdadeira, jataí, tiuba e moça branca.

As abelhas indígenas ou abelhas sem ferrão são grupos de insetos sociais que se caracterizam por possuírem ferrão atrofiado impossibilitando seu uso. No Brasil, existem mais de 300 espécies de meliponíneos, com elevado diversidade de formas, tamanhos e hábitos de nidificação. As abelhas indígenas são insetos do território brasileiro e responsáveis pela polinização de 40% a 90% das árvores nativas, o que lhe confere valor ambiental significativo para manutenção do ecossistema e conservação.

As inscrições podem ser feitas no Setor de Apicultura do Cepec, no Km 22 da rodovia BR-415 - Jorge Amado, trecho Ilhéus - Itabuna, ou através do telefone (73) 3214-3253.

Fonte: Jornalista ACS/Ceplac/Sueba - Luiz Conceição - Assessoria de Comunicação da Ceplac - 1/12/2010

<p style="text-align: center;">DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva – andrades@seab.pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 - fax: 3313.4031 - www.seab.pr.gov.br</p>
